

Endereço: Campo dos Mártires da Pátria

Local: Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa

Descritivo: No próximo ano celebra-se o centenário da criação da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Afirma Celestino da Costa: “As gerações de estudantes que começaram a frequentar a Faculdade a partir de 1911, não chegaram a fazer ideia do que fora a Escola Médico-Cirúrgica¹ que, em 22 de Fevereiro desse ano, se transformou em Faculdade de Medicina”².

Apesar de não serem muito numerosas, a importância do estudo das primeiras médicas portuguesas tem aqui particular sentido. A Escola Médico-Cirúrgica e a Faculdade de Medicina de Lisboa assinalam a passagem de muitas delas, coincidindo com o desenvolvimento da ciência no nosso país e com a primeira vaga do feminismo.

A jornalista Virgínia Quaresma, pouco antes da implantação da República, apresenta-nos o seguinte quadro de um micro universo feminino:

Um grupo de médicas todas elas estudiosas e distintas, uma plêiade de poetisas de comprovado valor, um punhado de mulheres inteligentes e boas que apostolizam o amável ideal da paz não falando em D. Domitila de Carvalho, formada pelas Faculdades de Medicina, de Filosofia e de Matemática e directora do único liceu feminino que tem Portugal e D. Emília Patacho, médica distintíssima, conferente e directora da Casa da Correção³.

Tendo feito alusão a Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Ângelo, Maria do Carmo Lopes e Sofia Quintino, não considerara outras, então já também, habilitadas para o exercício da medicina, como Elisa Augusta da Conceição Andrade, a primeira médica em Portugal, com consultório médico-cirúrgico especial para senhoras e crianças a funcionar no Largo de S. Roque, junto ao n.º 3 – 1.º Dtº, desde 1889. É o *Diário de Notícias*, de 1 de Setembro, em 1889, a saudar a primeira médica em Portugal:

A Sr.ª D. Elisa Augusta da Conceição Andrade, que concluiu este ano o seu curso na Escola Médica de Lisboa, abriu consultório para senhoras e crianças. Eis enfim dado o primeiro e grande passo para a emancipação da mulher, em Portugal!

Dentro em pouco, daqui a um ano talvez, duas novas médicas, formadas pela escola do Porto virão juntar-se àquela, e o exemplo destas será seguido e outras lhe sucederão até que entre definitivamente nos nossos costumes a *femme savante* como até aqui entrara a *ménagère*. Para trás a touca de rendas e o avental de chita, para trás o tricot e a agulha de marfim, para traz o *pot au feu*! Honra à Ciência! Glória ao bisturi!

¹ Na Biblioteca do Hospital de S. José podem ser consultados os *Episódios da vida médica*. Trata-se de um valioso instrumento de trabalho para quem pretenda aprofundar este tema.

² Costa, J. Celestino da, *Imprensa Médica*, Lisboa, 1985, p. 62.

³ *O Século, Suplemento Ilustrado*, 12 de Maio de 1910.

Aliás, os periódicos da época vão assinalando o sucesso da médica relatando como ía sendo extraordinária a concorrência de senhoras, recorrendo aos serviços no seu consultório.

Tal como previsto, assim sucedeu e outras tantas médicas fizeram o seu caminho, posteriormente, com maior ou menor facilidade, com melhor ou pior resultado, construindo percursos em universos dominados pelo elemento masculino e que durante tantos séculos lhes foram vedados. Escrever sobre elas, nestes roteiros feministas da cidade de Lisboa, é render tributo à luta pela conquista do mérito e à vitória da vocação no feminino, também.

O percurso das médicas em Lisboa é interessante de se traçar. Diferentes motivos terão levado às alterações dos locais onde exerciam a sua profissão. Queremos destacar alguns deles, porque emblemáticos, por quanto foram ainda centros aglutinadores de inúmeras actividades cívicas e políticas. Se tivéssemos de eleger somente um, o nosso voto tenderia para a Praça dos Restauradores, n.º 13 -2.º, dada a grande diversidade de organizações aí sediadas, a par das consultas médicas feitas, quer por Adelaide Cabete, quer ainda pela sua sobrinha, a dentista Maria Brazão.

Lembremos, assim, alguns desses espaços com anúncio na imprensa.

Informações adicionais: Consultórios de algumas médicas: Sofia Quintino – Rua da Palma, n.º 206, 1.º Esq.º (Clínica Geral. Doenças das Senhoras e Partos); Adelaide Cabete - Rua da Prata 153, 1.º (Doenças Uterinas - 1907), em 1908 muda para R. Áurea 267, 2.º e depois, em 1910, Praça dos Restauradores n.º 13, 2.º; Maria do Carmo Lopes – Largo de Arroios n.º 170 (1907); Carolina Beatriz Ângelo consultórios: Rua Nova do Almada, n.º 109- 1.º, passa a Rua Nova do Almada n.º 64 - 1.º (1908 - doenças de senhoras – partos); Domitila de Carvalho – Rossio 74, 2.º (Clínica Geral).

Texto: IL